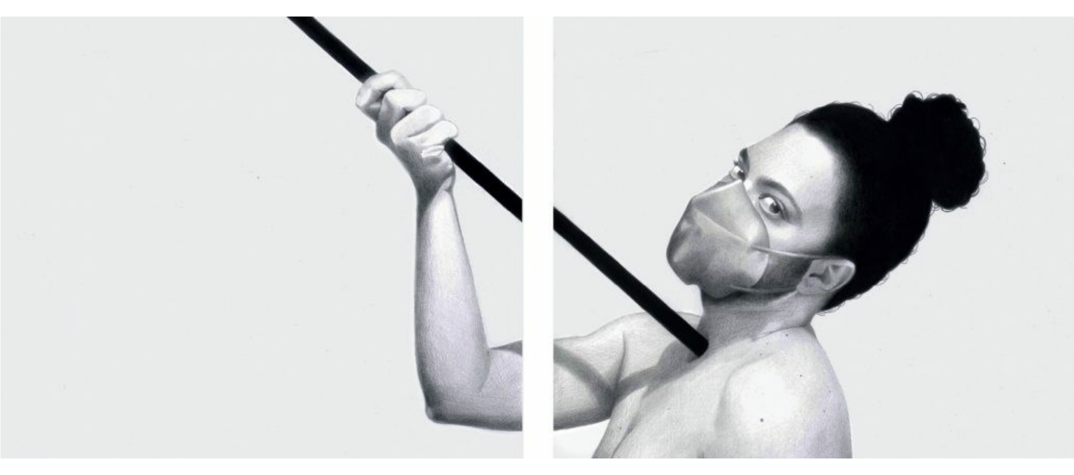
Iniciativas resgatam o legado e o protagonismo dos Lanceiros Negros

Letícia Pasuch / 17 de novembro de 2022 / Reportagens



Sociedade | Pesquisadores e representantes do movimento negro destacam o papel da ressignificação de narrativas históricas no enfrentamento ao racismo

**Imagem: Gustavo Assarian*

A Revolta Farroupilha (1835-1845) é o mais importante acontecimento do imaginário gaúcho. Comemorada anualmente com o Acampamento Farroupilha, além de desfiles e celebrações nos piquetes do Parque Harmonia, ela ensejou, no entanto, uma série de conflitos que ceifaram a vida de centenas de escravizados, que tiveram importante papel naquele cenário. Quase 180 anos após o final dos embates, o protagonismo dos Lanceiros Negros ainda suscita interpretações diversas por parte de pesquisadores e é lembrado apenas em algumas datas pontuais, como o 13 de maio e o 20 de novembro.

A guerra iniciou em um contexto do Brasil oitocentista que permitia o rearranjo do poder com o fim do primeiro reinado do D. Pedro I e o início do período regencial. Os impostos cobrados sobre o charque – e sobre um insumo importante para a sua produção, o sal – estavam altos, o que tornava o produto pouco lucrativo. Com a insatisfação dos produtores, a janela estava aberta para se instalar uma rebelião. O governo da recém-declarada República Rio-Grandense, então, emite decretos prometendo liberdade a todos os escravizados que fugissem de seus senhores e integrassem as tropas farroupilhas, além de uma indenização aos farroupilhas que libertassem seus escravos.

Os homens que se tornaram 'lanceiros' foram recrutados entre as escravarias distribuídas pelo sul, sudeste e sudoeste da província. "A necessidade de homens nas tropas, bem como a experiência e o conhecimento que possuíam, tanto do território sulino como das lidas do homem do campo, necessárias naquele contexto de guerra volante, foram fundamentais para a criação de regimentos que os incorporassem ao exército farroupilha", explica Daniela Vallandro de Carvalho, professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR).

Segundo Daniela, é possível que a ideia de prometer liberdade condicional aos escravos que lutassem ao lado dos rebeldes farroupilhas já circulasse entre as elites sul-rio-grandenses – mesmo que vagamente – desde o início do conflito.

> *"À medida que a guerra foi tomando contornos mais definidos e a necessidade de soldados se fez presente, somada à presença de alguns deles já espalhados pelas tropas, a proposta de liberdade condicional tornou-se imperiosa", diz*
> — Daniela de Carvalho

"Aprender a lida do campo, domar cavalos, costear gado, remontar cavalhadas, carnear, produzir charque, todas essas eram atividades feitas por escravos africanos e crioulos. São justamente esses homens que são buscados para compor esses corpos", complementa. Um dos chamamentos dizia: *"Homens de cor, que estais entre o inimigo, abandonai-os e vindes se apresentar e sereis perdoado e Liberto! Aproveitai-vos."*.

No exército farrapo liderado por Bento Gonçalves, havia dois corpos de lanceiros: a cavalaria e a infantaria (a pé). Os soldados eram armados com lanças de madeira, a maioria delas feita pelos próprios escravizados. A cavalaria historicamente se constituiu em uma arma importante dentro do exército, sobretudo na região sulina. Por isso, dentre os critérios seguidos, havia a preferência de homens mais habilidosos para os corpos de cavalaria em detrimento à infantaria.

Para Carla Menegat, historiadora e professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul), há desproporção ao colocar o corpo de infantaria (a pé) à frente da cavalaria para fazer o primeiro ataque. Os chamados "bucha de canhão", por estarem à frente, precisarão atacar no corpo a corpo. Com as armas mais precárias e menos privilegiadas, as condições de defesa são menos tranquilas – situação vista em outras guerras, como a do Paraguai e de Secessão nos EUA. "Um comportamento claramente de limpeza étnica", diz a historiadora.

Além dos lanceiros, outros grupos de negros escravizados participaram da guerra e foram tão importantes quanto. Além dos recrutamentos compulsório e voluntário, havia ainda os escravos que seguiam seus senhores em uma relação de proteção, fidelidade e troca, lembra Daniela. "O recrutamento acabava sendo muito do que entendemos como relação de carisma pessoal, na lógica do caudilhismo", complementa Carla. Também soldados negros escravizados de farroupilhas serviram sob o comando de seus proprietários ou das ordens de parentes deles. Esses homens, porém, não eram tão numerosos quanto os lanceiros.

O Massacre de Porongos

A partir de 1842, a minoria, grupo que buscava a pacificação do Império, toma a liderança dos farroupilhas e encaminha o processo de guerra para uma negociação de paz. Mas o destino dos negros que pertenciam aos imperiais tornou-se um empecilho: o temor de uma rebelião por parte do grupo que contava com a alforria prometida permeava a decisão. Para que a paz pudesse ser selada, um dos pontos era desmobilizar o corpo de lanceiros e impedir a sua liberdade.

Apesar de restarem dúvidas sobre a sua total veracidade, a famosa carta do general Canabarro ao barão de Caxias continha os detalhes para que o corpo de lanceiros fosse atacado de forma vulnerável – desarmados e sem comandantes – e a localização do acampamento.

A data era 14 de novembro de 1844, madrugada no cerro dos Porongos, solo do atual município de Pinheiro Machado. Os lanceiros nem imaginavam, mas a qualquer momento seriam surpreendidos pelas tropas imperiais sob o comando do coronel Francisco Pedro de Abreu, comandante da 8.ª Brigada do Exército, que exterminaria pouco mais de centenas de lanceiros e parte da infantaria.

"Foi de fato uma traição e um massacre", diz Daniela. Considerada a última batalha da guerra, a traição de Porongos foi um combinado que deveria ter ficado em segredo entre três partes: o general farroupilha David Canabarro, o então barão de Caxias (líder das tropas imperiais) e Antônio Vicente da Fontoura, chefe da minoria dos farroupilhas, explica Carla.

Os poucos lanceiros sobreviventes foram aprisionados: primeiramente, deslocados até Rio Grande; após, de navio, desembarcaram no Rio de Janeiro para trabalhar no arsenal de guerra. Passaram, então, a ser tratados como 'escravos da nação' – mantinham-se libertos, mas faziam os piores trabalhos.

A história esquecida

Daniela salienta que há, fundamentalmente, no seio do gauchismo, uma concepção equivocada tanto de história como de cultura gaúcha, além da forma de enxergá-las através da mitificação da guerra e de seus personagens. "A negação e o apagamento dessas histórias negras têm impacto direto em questões contemporâneas da vida dessas populações. Quando falamos que o gauchismo é conservador, e ele é, estamos falando de conservar uma narrativa sobre o passado, e essa narrativa não contempla a população negra como personagens históricos, tampouco como protagonistas", acrescenta.

Para a pesquisadora, esses exemplos mostram o resultado dos apagamentos históricos que têm impactado a vida das populações afrodescendentes, com negação do conhecimento da própria história e do reconhecimento das suas ações na construção do estado.

> *"Se essa população não faz parte da história do Estado, ela não é significativa; e não sendo parte, em termos de políticas públicas contemporâneas, não têm porque ser prioridade. A questão do apagamento do passado vai se desdobrando numa espiral contínua de negações no presente, grande parte delas intencionais"*
> — Daniela de Carvalho

Carla lembra que, até os anos 1970, se desconhecia a existência da escravidão no estado ou se defendia que era branda. Ela reforça que, até hoje, cantam-se versos do Hino Rio-Grandense que devem ser contestados. O trecho "Sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra", para Carla, traz a arrogância e a percepção de se colocar numa disputa global entre liberais e conservadores. "Mas que façanhas são essas?", questiona. "Mas não basta, pra ser livre, ser forte, aguerrido e bravo; povo que não tem virtude acaba por ser escravo" é outro trecho apontado por Carla considerado racista.

A historiadora lembra que o apagamento da presença negra na história e na cultura do RS cria uma ideia de que toda a população descende dos imigrantes que vieram da Europa no fim do século 19, como se nada existisse antes disso. José Antônio dos Santos, diretor do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da UFRGS e pesquisador de história e cultura negras, complementa: "A gente acha que a população negra chegou ontem no nosso estado. Desde o processo de ocupação do que foi se constituindo como território do Rio Grande do Sul, na capitania da província, já havia a participação de negros e negras".

Para ele, há uma série de aspectos que demonstram a proximidade – não reconhecida – das culturas africana e gaúcha. Um deles é o trato com o gado, principal imagem que se tem do gaúcho, atividade desenvolvida pelos africanos e escravizados há milhares de anos. Os povos do norte do continente africano usavam vestimentas que remetiam à conhecida bombacha, completa o docente.

A Lei n.º 10.639, de 2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Para José Antônio, a divulgação e o trabalho nas escolas desses materiais didáticos é um processo muito recente e escasso. "Há um desconhecimento dos professores que trabalham nas escolas, ou certa desconsideração da sua importância, do que seja o próprio racismo. Nós, como sociedade, ainda vivemos imersos numa ideia de democracia racial, de que somos todos iguais, de que não há diferença entre as pessoas." Para ele, enquanto se estiver submerso nesse imaginário, não será dado o devido grau de importância a essas temáticas.

Para Luiz Augusto Lacerda, artista visual e pesquisador da cultura negra, a figura dos Lanceiros Negros é esquecida na história do Rio Grande do Sul. Ele lembra a ausência da citação nos livros didáticos e o esquecimento da cultura afro-gaúcha pelo tradicionalismo. "Não se fala da contribuição do negro nas charqueadas, enquanto religiosos, lanceiros, cozinheiros e costureiros. Isso tudo é apagado." Sempre estudando em escola particular, com poucos professores negros, ele ouvia que o negro no Brasil era apenas escravizado. Na escola, tornou-se uma "pedra no calçado dos professores", como diz, questionando as demais contribuições. Ele defende que a história precisa ser contada na sua realidade e essência. "Promover toda e qualquer ação da cultura afro-gaúcha é difícil e, quando se consegue realizar, nós entendemos que é resistência", diz.

Em 2018, Edjana Deodoro teve a ideia de vestir seu filho Caio, de três anos, de lanceiro negro para o baile farroupilha da escola. Não se sentia confortável para vesti-lo com os trajes tradicionais gaúchos, conhecendo toda a história por trás da vestimenta. Explicou-lhe brevemente a história dos lanceiros de forma que ele pudesse entender. "Falei que eles ajudaram na Revolução Farroupilha, e que ele não estaria vestido de gaúcho, mas de herói", conta.

Ao deixar o filho na porta da escola, uma surpresa: a professora de Caio não compreendeu do que ele estava vestido. "Eu fiquei muito frustrada, porque sabia que, das crianças, até podia vir esse estranhamento e o não conhecimento. Mas nunca pensei que a professora e a coordenação da escola não conhecessem os Lanceiros Negros", desabafa. Compartilhou a frustração nas redes sociais e teve grande repercussão. No ano seguinte, decidiu, junto com sua mãe, Iara Deodoro, confeccionar roupas de lanceiros para mais crianças pretas.

> *"Chega de as nossas crianças estarem vestidas dos opressores e homenagearem heróis que massacraram a nossa ancestralidade"*
> — Edjana Deodoro

Reencontro ancestral

A perpetuação da cultura afro-gaúcha é o que o Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomodê, espaço de promoção e preservação das raízes da arte e da cultura afro-brasileira, busca há mais de 40 anos. No dia 11 de setembro, o Instituto promoveu o segundo Acampamento dos Lanceirinhos Negros. Ocorrida em Nova Santa Rita, em meio à natureza, o objetivo da atividade era oferecer às crianças, principalmente negras, a vivência da história dos lanceiros negros e de elementos culturais por meio da contação de histórias, oficinas de culinária e de instrumentos musicais.

"Aqui tem uma história que vocês nunca mais vão esquecer", anunciou Luísa Oliveira, apontando para um pergaminho em suas mãos. Na frente dela, havia cerca de cinquenta crianças sentadas no chão com olhares curiosos e ouvidos atentos. Vestida da cabeça aos pés com o traje de lanceira, a dançarina e integrante do Afro-Sul começou a contar a história dos lanceiros negros na Revolta Farroupilha. De forma lúdica, ela perpassou todos os pontos daqueles dez anos de guerra, não escondendo o trágico fim dos guerreiros sacrificados no Massacre de Porongos. "A gente conta a história que a História não costuma nos contar. Então me preocupei muito em criar uma narrativa que pudesse, em resumo, mostrar aos nossos pares que estavam ali a trajetória, a história e o protagonismo dos negros na Revolução Farroupilha", diz Luísa.

Ao final da história, com o braço erguido e o punho cerrado, as crianças repetiam em coro as palavras ordenadas pela lanceira: "Nós nunca vamos esquecer dos nossos heróis Lanceiros Negros. Existem várias partes da história que não são contadas para a gente. E nós vamos, cada vez mais, descobrir os nossos heróis, os nossos territórios e os nossos pares. E nós temos orgulho disso".

Adriana Centeno, advogada e servidora pública, levou ao Acampamento sua filha Lêmba Nyanga, de quatro anos, para que a menina tivesse uma vivência de representatividade, aprendendo com seus semelhantes. "Eu acredito na importância de ela viver sua própria história se enxergando na figura de quem está contando essa história. Uma história que é subtraída dos livros de história e que, aqui, ela tem a oportunidade de ressignificar", diz.

Para ela, as crianças são como sementes plantadas para levar o legado dessa história adiante. "Acredito que esses momentos que elas estão tendo, essa vivência com os seus, vão levar para o futuro na forma de potência, de autoestima, colocando essa questão do herói negro em diferentes momentos das suas vidas para enfrentar esse mundo racista que a gente tem agora". Luiz Augusto concorda: "As crianças são nosso futuro e elas que vão levar adiante esse legado de resistência".

Anfitriã do Afro-Sul, Iara Deodoro diz que os lanceirinhos representam para a instituição um compromisso com a infância e a juventude negra de trazer à tona a história os verdadeiros heróis da Revolta Farroupilha – heróis sempre invisibilizados e história sempre distorcida.

> *"É de fundamental importância que crianças negras conheçam a sua história e cultura ancestral, que sejam desmitificadas as histórias contadas nas escolas e nos livros, mostrando-se a elas a potência dos saberes ancestrais. Que esses conhecimentos as empoderem para que sejam agentes multiplicadores e guardiões dessa cultura"*
> — Iara Deodoro

Formação de agentes culturais

"Eles combinaram de nos matar; nós combinamos de não morrer." De autoria da escritora Conceição Evaristo, a frase foi a escolhida como tema-enredo da Escola de Samba Sociedade Beneficente Cultural Realeza, que venceu a série Prata do Carnaval de Porto Alegre deste ano. Escrito por Pedro Linhares, o samba-enredo homenageou os lanceiros negros. Luiz Augusto, que preparou o organograma do desfile, criou as fantasias e montou o corpo de uma escola, com personalidades negras como Márcio Chagas e Marcelo Carvalho. Ele acredita que o título conquistado devolve à comunidade uma vontade muito grande de fazer carnaval e cultivar nas crianças o pertencimento. "Foi um trabalho árduo, mas satisfatório, prazeroso. A sensação de dever cumprido se tornou muito clara, nos saciou", diz.

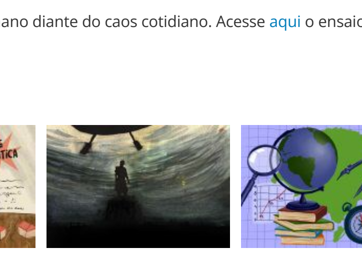
> *[…]*
> *O brilho da aurora reluzia*
> *Findando a sombria madrugada*
> *A liberdade se esvaia*
> *Ao pé do cerro a traição se confirmava*
>
> *Seguindo a marcha do poder e ambição*
> *Da "revolução" surge um novo coronel*
> *Retalhos da história são jogados pelo chão*
> *Na ilusão de um novo porvir*
>
> *Enquanto o braço forte resistia*
> *O mal imperava por ali*
>
> *Quanto sangue derramado*
> *Nosso irmão eternizado*
> *Brota do chão a raiz da resistência*
> *É negritude em sua essência*
>
> *No remanso da dor*
> *Lanceiro negro eu sou*
> *[…]*
>
> *Samba-enredo da Escola de Samba Realeza para o Carnaval 2022*

Conceição Evaristo também foi uma das homenageadas no Prêmio Lanceiros Negros, que aconteceu não em solo gaúcho, mas no Rio de Janeiro. O evento foi promovido em setembro no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira, localizado na capital fluminense, pelo Movimento Negro Unificado (MNU). Fátima Monteiro, coordenadora do MNU do Rio de Janeiro, lembra que, nos demais estados do Brasil, é estudada superficialmente a história da Guerra dos Farrapos, não se alcançando a dos lanceiros negros. Por isso era significativo trazer à tona a história desses heróis que lutaram por liberdade.

"Foi muito importante a gente fazer essa homenagem aos lanceiros da atualidade, que são pessoas que hoje também se colocam, tanto na arte quanto na saúde, educação e política, à disposição para poder lutar e ter esse enfrentamento entre as desigualdades." Com feira cultural, debates e, ao fim, a premiação, personalidades com histórico de luta – seja no meio artístico ou na academia – foram homenageadas. O objetivo é que, daqui para frente, a homenagem seja anual.

Coincidentemente, o MNU, com 44 anos de ações voltadas à luta contra o racismo, tem o símbolo de uma mão segurando uma lança. Para Fátima, é um sinal de movimento de resistência. "Nossos passos e da nossa ancestralidade vêm de longe, e foi com muito esforço. A história do nosso país é construída pelo sangue de pessoas negras", diz Fátima.

Especial Novembro Negro 2022



Nesta edição especial alusiva ao Novembro Negro – série de eventos organizados pela comunidade universitária em função do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro – o JU traz para reflexão diferentes aspectos sobre apagamento, resistência e memória do povo negro. Acesse todo material da edição aqui.

Para ilustrar as matérias desse especial, apresentamos a obra do artista visual Gustavo Assarian, que utiliza o desenho como contraponto à impotência do ser humano diante do caos cotidiano. Acesse aqui o ensaio com as obras do artista.

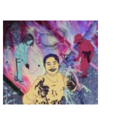
:: ÚLTIMAS

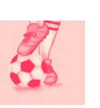
Carta aos leitores | 23.09.24

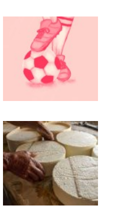
Paridade na consulta para a reitoria, agora adotada na UFRGS, ainda não é consenso entre as universidades federais, aponta mapeamento

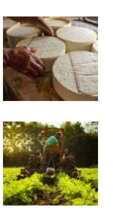
Paradesporto propicia melhora na qualidade de vida e auxilia a pessoa com deficiência a projetar o futuro

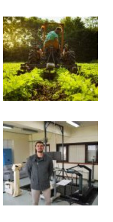
Da sala de aula às ruas devastadas do Sarandi


Extensão popular para mudar a Universidade!


O futebol das gurias

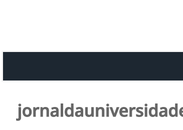

Carta aos leitores | 12.09.24

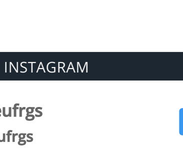

Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos


Gabriel Tossi e a busca por conhecimento

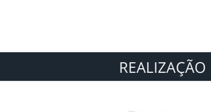
Estratégia para enfrentar a desinformação climática

:: Posts relacionados


O futebol das gurias


Estratégia para enfrentar a desinformação climática

Dados: recursos determinantes para resposta às emergências climáticas


A reconstrução do RS precisa de Geógrafos

CONTATO
Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

Designed using Unos Premium. Powered by WordPress.

Social Share Buttons and Icons powered by Ultimatelysocial